

NO MOVIMENTO DO SUJEITO E DOS SENTIDOS: AS IMAGENS DO EVANGELIZADOR¹

Edite Luzia de Almeida Vasconcelos²

RESUMO: Neste artigo visa-se explicitar os efeitos de sentido das imagens do evangelizador da assistência social, da educação e da profissionalização, resultados da heterogeneidade do discurso, demonstrando-se que tais efeitos realizam o movimento contraditório das posições do sujeito, que constroem a homogeneidade e a heterogeneidade dos sentidos. Para isso foram analisadas sequências discursivas extraídas de *corpus* composto de entrevistas gravadas e transcritas realizadas com missionárias batistas, no total de doze entrevistas. A análise das sequências permitiram estabelecer as imagens formadas pelo sujeito do discurso religioso como resultado do desdobramento do trabalho missionário desenvolvido pelos batistas. Assim, o sentido estabilizado de *vocação* para o trabalho de missões, construído como um efeito de sentido do discurso religioso materializa-se metaforizado como assistência social, educação e profissionalização. Isso significa dizer que o deslizamento do sentido de trabalho como profissão relacionada ao trabalho intramundano que se realiza “como um modo de agradar a Deus” para o de missões, relacionado ao trabalho intrarreligioso, constitui a identidade do sujeito religioso batista. As reflexões propostas apoiam-se na Teoria da Análise do Discurso de orientação francesa, postulando-se, assim, que as práticas discursivas ao mesmo tempo em que são produzidas pelos sujeitos os quais são também produtos delas.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens do evangelizador. Efeitos de sentidos. Vocação. Trabalho. Identidade

ABSTRACT: This article aims to clarify the meaning effects of the evangelizer images on the social care, education and professionalization. They are results of the discourse heterogeneity, and shows that these effects do the contradictory movement of subject positions, which build the homogeneity and heterogeneity of the senses. We analyzed discursive sequences extracted from the corpus of twelve recorded and transcribed interviews with Baptist missionaries. By the analysis we could establish the images formed by the subject of religious discourse as a result

¹ Este artigo compõe um capítulo da minha tese intitulada “A formação da identidade batista: efeitos de sentidos do trabalho de missões”. A tese foi defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Virgínia Borges Amaral, em 2010.

² Professora de 2º e 3º Graus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Possui Licenciatura e Bacharelado em Letras e Linguística, pela Universidade Federal da Bahia; Especialização em Letras e Linguística: Produção de Texto e Leitura, pela Universidade Estadual da Bahia; Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística (Análise do Discurso), pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: editeluzia@ig.com.br.

of the unfolding of missionary work developed by Baptists. Thus, the stabilized meaning of vocation to mission work, built as a meaning effect of the religious discourse, metaphorically materializes as social welfare, education and professionalization. It means that the meaning of work as a profession related to intramundane work, which is "a way to please God", shifts to mission, related to the intra religious work. It constitutes the identity of the Baptist religious subject. Based on the theory of French Discourse Analysis, the reflections state that the discursive practices are produced by the subjects and, at the same time, they are also their product.

KEYWORDS: Evangelizer Images. Sense Effects. Vocation. Work. Identity.

1. Introdução

Neste artigo visa-se explicitar os efeitos de sentido das imagens do evangelizador da assistência social, da educação e da profissionalização, resultados da heterogeneidade do discurso, demonstrando-se que tais efeitos realizam o movimento contraditório das posições do sujeito, que constroem a homogeneidade e a heterogeneidade dos sentidos.

O trabalho de missões, com os contornos de abrangência e expansionismo que lhes são característicos, desdobra-se em variadas formas de fazer-se, mesclando o discurso da evangelização com outros domínios discursivos, marcando a heterogeneidade própria a todo discurso, afirmando-lhe a contradição inerente. O sujeito assujeitado a tal discurso acredita-se vocacionado a realizar um trabalho que é uma missão para a qual ele recebeu um chamado de Deus. O assujeitamento significa, então, o apagamento, ou até mesmo o deslocamento, dos sentidos não autorizados, o que significa reconhecer que sujeito e sentido constituem-se em referência à conjuntura sócio-histórica e ideológica que os afeta, visto que a conjuntura na qual o sujeito está inserido, assujeita-o porque cada época possui modos de pensar dominantes.

Nas análises, foram utilizadas sequências discursivas (SD), numeradas em ordem crescente, do nosso *corpus* de mestrado e doutorado que foi constituído por entrevistas realizadas com missionárias batistas, as quais foram gravadas e transcritas. As reflexões propostas apoiam-se na Teoria da Análise do Discurso de orientação francesa, postulando-se, assim, que as práticas discursivas ao mesmo tempo em que são produzidas pelos sujeitos são também produtos deles. Isso significa que o discurso do missionário o constitui enquanto sujeito assujeitado à ideologia, pela determinação religiosa que o interpela, em dado momento

histórico. Assim, o sentido estabilizado de *vocação* para o trabalho de missões, construído como um efeito de sentido do discurso religioso materializa-se metaforizado como assistência social, educação e profissionalização.

Nesses termos, considerar a movência dos sentidos não significa por em questão a unidade divina, e este não é o objetivo deste trabalho, mas sim os modos diferentes e divergentes pelos quais o homem opera Deus, em diferentes épocas e em diferentes religiões/denominações.

Como resultado das análises realizadas, considerando-se diferentes conjunturas sócio-históricas, tem-se um trabalho intramundano que se manifesta na religião como um modo de agradar a Deus, sendo essa forma de trabalho a missão a ser cumprida. No âmbito da discursividade, tal trabalho materializa-se como assistência social, educação e profissionalização, mas sempre sob a égide do discurso institucional da ajuda humanitária, o qual é operacionalizado pelo trabalho de missões. É nesse entorno teórico que se pode dizer que o deslizamento do sentido de trabalho como profissão relacionada ao trabalho intramundano que se realiza “como um modo de agradar a Deus” para o de missões, relacionado ao trabalho intrarreligioso, constitui a identidade do sujeito religioso batista.

2. “A meta é a evangelização”: as imagens do evangelizador

As missionárias desenvolvem os trabalhos de missões de duas formas básicas. Algumas missionárias realizam trabalhos internos, ou seja, dentro da própria igreja que freqüentam, isto é, nos templos ou nos lugares onde elas funcionam, tais como coordenação de eventos, escola bíblica dominical, trabalhos com pessoa com limitações físicas, como surdos, etc. Outras, desenvolvem seu trabalho em presídios, hospitais, abrigos para idosos, visitas a lugares distantes onde não têm templos batistas e até mesmo visitas às casas das famílias do(a) novo(a) convertido(a). Ou, ainda, desenvolvendo projetos de diversas vertentes em lugares distantes, quando muitas vezes os missionários têm a tarefa de organizar uma nova congregação e depois uma nova igreja.

Quando o trabalho é realizado nos templos ou dirigido a recém convertidos ou novos batizados a evangelização objetiva o fortalecimento da fé dos seus membros. Quando o trabalho de missões é realizado fora dos templos quer seja em trabalhos dirigidos a pessoas próximas geograficamente quer seja em

viagens para alcançar populações distantes, tem como meta principal divulgar o evangelho com o intuito de pregar a palavra de Deus para cristianizar.

2.1 Evangelizar pela Imagem da Assistência Social

Uma vertente bastante forte, resultado desse desdobramento do trabalho missionário desenvolvido pelos batistas fora dos templos é a da ação social, como o afirma a missionária na sequência discursiva a seguir.

SD1 - A gente começa a entender que Deus é a fonte da nossa existência. É a razão do nosso viver. *O missionário trabalha na área social. O missionário, acima de tudo ele tem que amar a seu próximo, ele tem que pregar a Palavra e também procurar dar uma assistência não só na área espiritual como também na área material, né? Dar sobrevivência.*

A ação social funciona, geralmente, através de atividades que podem ser denominadas de assistência social, concretizadas sob a forma de diversos 'projetos sociais'. Assim, a missionária diz que:

- (a) o missionário trabalha na área social
- (b) e também procurar dar uma assistência não só na área espiritual como também na área material, né? Dar sobrevivência, reconhecendo que o missionário acredita ter condições efetivas de "dar sobrevivência" para o seu interlocutor.

O trecho "dar sobrevivência" é uma pista de que a missionária acredita que ela, pelo trabalho social que desenvolve como missionária, pode transferir para si a responsabilidade pela sobrevivência da outra pessoa. Ao enunciar que o missionário, além de pregar a palavra, também tem que (SD1b) *procurar dar uma assistência não só na área espiritual como também na área material, né? Dar sobrevivência*" desloca a voz que cuida da espiritualidade para a voz que tem obrigação de cuidar das condições materiais, destacando que faltam as condições elementares de infraestrutura para que a pessoa que ela interpela possa sobreviver. Dessa posição, o sujeito acredita que, através da religião à qual confessa, a missionária pode patrocinar as condições materiais consideradas adequadas e suficientes para a sobrevivência da pessoa interpelada.

Esse deslizamento significa que o sujeito acredita que a religião cumpre um papel social, promovendo um mecanismo de sobrevivência para a pessoa, o que autoriza a missionária a praticar a sua religião trabalhando “na área social”. Portanto, o sujeito ilude-se que consegue preencher aquilo que falta ao seu interlocutor do lugar do assistente social, mas o faz do lugar de missionária.

Isto é, o sujeito abandona o lugar da missionária na ilusão de que cumpre um papel social e assume a imagem do assistente social, inclusive desconsiderando que tal papel deve ser cumprido pelas políticas públicas de governo. Portanto, é pela ausência da intervenção mais forte do Estado na vida das pessoas que o trabalho missionário assistencialista organiza-se, expande-se e se perpetua, ou seja, é pelo modo como o Estado funciona pela falta, quer seja, “o lugar do possível” (ORLANDI, 2005), que o trabalho missionário assistencialista se instala, se fixa e aparece como um trabalho necessário, fundamental, contínuo e consistente.

O discurso religioso desliza para o da ação social para efetivar o trabalho de divulgação da religião ou da denominação da qual o missionário faz parte. Na perspectiva discursiva e considerando a vertente assistencialista do trabalho de missões, a citação do apóstolo Marcos: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” constrói o sentido de magnitude do trabalho realizado e a ser realizado e que nunca deve arrefecer, até mesmo porque de acordo com os enunciados a seguir, o missionário está sempre trabalhando porque acredita que nunca está realizado, conforme (SD30), acima.

(SD2) Eu acho que a gente nunca sabe que ele tá concluído porque sempre tem coisas a gente fazer.

(SD3) Então sempre tem algo, algo pra gente fazer.

(SD4) A gente tá sempre trabalhando, sempre tem alguma coisa a fazer.

(SD5) Eu acho que num trabalho assim de evangelizar, missionário, sempre tem algo a fazer, nunca a gente tá assim, realizado.

A referência à citação do apóstolo Marcos desdobra-se como uma série de paráfrases formuladas como “*levar a Palavra*”, “*falar com outras pessoas*”, “*falar de Jesus*”, “*levar essa mensagem a toda criatura, seja aonde for*” e “*pregar a palavra*”, materializadas nas sequências discursivas abaixo:

SD6 - E o mais importante é esse, *levar a Palavra*.

SD7 - Então quando a gente *leva a Palavra* de Deus para as pessoas.

SD8 - O seu desejo é muito grande *de você falar com outras pessoas* sobre Jesus.

SD9 - Tem o desejo grande, ardente *de você falar de Jesus* com outras pessoas.

SD10 - Somos nós os (inint) missionários que temos que *levar essa mensagem a toda criatura, seja aonde for*.

SD11 - E que você chega ali *e prega a palavra* de Deus.

SD12- E você chegou, ali, naquele momento, *levando a palavra* àquelas pessoas.

Com essas paráfrases, o sujeito produz, por sua vez, o efeito de sentido de que a função da missionária é divulgar a palavra de Deus para as pessoas que não a conhecem. Isto é, a missionária tem a missão de '*falar*', '*pregar*', '*levar*' a palavra de Deus que lhe foi dada pelo próprio Deus, como se disse acima.

Mesmo que se considere que "a diferença de construções tem sempre uma razão que não é a simples diferença da *informaçãomas* sim de *efeitos de sentido*." (ORLANDI, 1987, p. 119), as paráfrases ajudam a construir, no sujeito interpelado pela religião, o sentido de ter sido escolhido. Portanto, ter sido escolhido o torna incomum, especial, podendo diferir-se dos outros membros da denominação, o que é significado *como prática* pelo modo como o missionário precisa dar provas de que possui as qualidades pessoais, acadêmicas e técnicas diferenciadas dos demais para desenvolver certos tipos de trabalhos de missões - segundo o processo de seleção programado pela MEAP - haja vista o entendimento de que todos os evangélicos são, em potencial, missionários.

Conforme a sequência discursiva 13, a seguir:

SD13 - O missionário, como eu te disse antes, é aquele que ele é chamado por Deus e ele deixa tudo por amor a Jesus

Significa a realização de sacrifícios do missionário de 'deixar tudo' para atender o chamado de Deus. Assim, a imagem que se tem do que seja um missionário, produzida no discurso religioso do trabalho de missões, é de que ele,

enquanto evangelizador, é responsável³ (ORLANDI, 1987, p. 77) pelos outros, o que o constitui como “o intermediário de Deus com o homem na medida em que o representa aqui na Terra⁴.” (ORLANDI, 1987, p. 77).

2.2 Evangelizar pela Imagem da Educação

Outro domínio de saber bastante frequente e eficaz que é construído pelo discurso do trabalho de missões é o que constroi o sentido de missão como educação, o que põe em relação direta os discursos religioso e pedagógico, através do sentido da vocação. O sujeito assujeitado ao discurso religioso acredita-se vocacionado a realizar um trabalho na igreja que é uma missão para a qual ele recebeu um chamado de Deus, como aparece em:

SD14 - Na verdade, o missionário, ele não se forma, *ele é chamado por Deus, né? Ele é vocacionado. Acho que se a gente tivesse assim que preferir mesmo, a gente não preferia não, a gente é realmente de Deus, mas o coração nos vocaciona, nos dá uma paixão. Porque se você for analisar uma pessoa que tem muitas dificuldades financeiras, dificuldades até de compreensão, talvez nem quer ser missionário de tantos anos, se a gente não fosse preparado desse jeito, então a gente é vocacionado assim.*

É certo que o sujeito compreende o trabalho como uma missão recebida, mas para a qual o missionário se prepara, posto que muitos deles freqüentam escolas de formação superior, organizada e administrada pela própria igreja. São cursos de formação de 3º grau, principalmente em Bacharelado em Educação Cristã e Bacharelado em Psicanálise⁵ que têm validade como curso superior apenas para os trabalhos religiosos.

³ De acordo com a análise de Orlandi (1987) “o fiel sente-se em débito com Deus; o convertido sente-se igual aos outros; o evangelizador sente-se responsável pelos outros”. (p. 77).

⁴ Sobre os modos de representação, a autora também afirmará que “o convertido é o intermediário do homem com Deus na medida em que é um representante do rebanho. Deus é intermediário dos homens na medida em que é ele quem dá aos homens a graça pedida pelos homens cristãos.” (p. 77).

⁵ Geralmente essas missionárias têm formação secular de 2º grau.

Nesta sequência discursiva (SD15) é possível identificar que o sujeito reconhece a evangelização e o trabalho de assistência social como uma das atividades realizadas pela missionária, tal como em:

SD15 - E a gente faz de tudo, ação social que é bem forte, é um peso muito grande, além da evangelização que *a gente trabalha com discipulado*, com aconselhamento e de tudo você acaba fazendo de tudo um pouquinho, uma vez que o trabalho com discipulado significa o ensinamento d' A Palavra, posto que este é o trabalho que efetivamente será realizado, conforme enunciado na sequência seguinte:

SD16 - É uma preparação para que realmente o trabalho tenha respaldo naquilo que a gente vai estar trabalhando.

A sequência discursiva 16, acima, deixa evidente que a missionária acredita que os cursos de formação nos seminários da Igreja servem para dar credibilidade ao trabalho missionário, isto é, os cursos preparatórios procuram atestar cientificidade ('ter respaldo') ao trabalho desenvolvido pelos missionários da denominação, que, como visto anteriormente, articula-se com os trabalhos da assistência social.

Desse modo, o discurso da religião desliza para o da educação porque a missionária diz que realiza um trabalho de "evangelização" voltado para o discipulado, o que ela reafirma dizendo que o faz porque tem a formação de magistério, estando autorizada pelo título de professora a alfabetizar, ensinar curso profissionalizante, acreditando, inclusive, que a formação de magistério a autoriza a trabalhar "com tudo" "um pouquinho", como evidencia o enunciado seguinte, retirado de SD17, abaixo:

(SD17) Você é professora também porque lá você trabalha com curso profissionalizante, curso de alfabetização, então você termina mexendo com tudo, então como eu tenho essa formação também, de Magistério, então termino fazendo de tudo um pouquinho.

Na contramão das intervenções históricas da religião na educação, são os sentidos do discurso da educação enunciados pela missionária, tais como 'ser professora', 'trabalhar com cursos de alfabetização', 'formação de magistério' que

colocam em funcionamento os mecanismos de discursividade da formação discursiva religiosa, gerando efeitos de sentido convenientes para a divulgação do trabalho de missões.

Portanto, quando proferido na formação discursiva religiosa, os efeitos de sentido do discurso da educação ajudam a estabilizar o sentido de trabalho como vocação, porque teve que subsumir o sentido de vocação transferido ao trabalho docente, que o incorporou com vitalidade por muitos séculos, o qual ainda o identifica. Na fala de Orlandi (1987), é possível identificar a circulação do discurso religioso, nos modos de fazer educação:

É de se notar no Brasil o forte caráter clerical que tem a educação, o que se pode observar não só na nossa história catequético-jesuítica mas também nas modernas atuações pedagógicas que se autodenominam leigas (e até politicamente radicais) e que se marcam por enfático caráter doutrinário, salvacionista, “pastoral” (p. 9).

Nesta perspectiva, o caráter doutrinal da esfera religiosa faz atravessar as ações pedagógicas tradicionais em nossa cultura, mesmo as pedagogias mais modernas, muitas vezes deixando enlaçadas as duas instâncias. Neste entendimento, o sentido de vocação tanto pertence a um discurso como a outro, uma vez que a religião o transferiu para a educação⁶.

Neste aspecto, a Formação nos Seminários, como título de 3º grau, afirma o dito religioso no escopo de um saber de ciência porque o discurso do conhecimento pode atribuir valor de verdade ao que é dito pela missionária, no seu trabalho de missões, imiscuindo, ao mesmo tempo em que agrega, a verdade dita em nome da ciência, do conhecimento, no lugar da verdade dita em nome de Deus para aquele que ainda não conhece Jesus.

Desse atravessamento resulta uma sobredeterminação do discurso pedagógico pela ordem do discurso religioso. De acordo com Pratta (2002):

A escola pública [...] espelhava-se na escola confessional católica quanto ao método, à relação professor-aluno e aos códigos disciplinares, enfim, em toda a montagem da

⁶ É importante notar que o termo *missão* também está incorporado ao discurso da educação, que sempre trata o fazer pedagógico como ‘uma missão’ a ser realizada pela Escola, em todo seu corpo de constituição (o docente, a direção, etc.).

estrutura, uma vez que a Igreja Católica foi a única instituição pedagógica atuante no Brasil por praticamente quatro séculos. (p. XIII).

Na formação histórica do País, a difusão do ensino confessional, de influência católica foi identificado como o padrão ideal, o que permitiu submeter o sistema de ensino público aos padrões religiosos, sob a égide do discurso de ensino de qualidade. Assim, além do código disciplinar e da relação professor-aluno mencionados na citação anterior, o próprio conceito de conhecimento, na escola pública, era acima de tudo fundamentado nas concepções da escola religiosa, o que faz convergir o sentido de instruir com o de moralizar.

Nesse contexto, o Estado exercia o controle sobre o indivíduo, através da Instituição Escolar – controle sobre o comportamento dos docentes e dos discentes -, cujas concepções pedagógicas eram de orientação religiosa – através da Instituição Religiosa -, como afirmado anteriormente. Esse controle criou a mística sobre a figura do professor de que para além de um educador, de um transmissor de conhecimentos, ele é um formador de caráter, para o que deve ter, ele próprio, conduta irrepreensível.

Ao se subordinarem à autoridade do Estado, tanto os docentes como as docentes continuaram a ser tratados de um modo especial, como uma espécie de ‘clérigos-leigos’ cujas vidas e ações deveriam ser controladas. Através de muitos dispositivos e regulamentos, esperava-se que seu ‘gênero de vida’, suas ‘virtudes morais’, lhes permitissem manter-se acima do comportamento comum. (LOURO, 1997, p. 462, apud. PRATTA, 2002, p. 154).

Como se pode constatar, o modelo de vida regrada, regulada sobrevive deslizando entre o discurso do sujeito afetado pelo discurso pedagógico/escolar e entre o sujeito afetado pelo discurso religioso para que ele possa ser exemplo para as pessoas com quem convive, conforme SD3, visto no capítulo II.

SD18 - Para que a gente possa ser exemplo para as pessoas que vivem conosco porque se a gente prega, se a gente fala sobre Deus e não vive o amor de Deus nas nossas vidas, não adianta nada.

A citação de Eni Orlandi a seguir (1987) interessa porque indica a articulação entre o pedagógico e o doutrinário religioso para ajudar a propagar o

trabalho missionário. Além disso, interessa também explicitar que essa articulação foi imposta à mulher que por tradição exercia o trabalho de professora por vocação.

É preciso edificar, seja pelo bom exemplo, seja pela doutrinação mais direta, ainda que sutil. Surge aqui, no discurso religioso, o didático ao lado do doutrinário. Há o ensinamento da doutrinação na medida em que se ensina a estratégia: “suavemente aconselhe”. Será por acaso que, aqui, a tarefa da militância seja imposta justamente a uma mulher, por tradição vista como professora, mãe, conselheira? (p. 71)

A forte influência dos colégios católicos no sistema educacional no Brasil pode explicar ainda o sentido de ‘vocação’ - e não de profissão -, atribuído às pessoas ‘vacionadas’ para o magistério público, relacionado, inicialmente, às mulheres e que, depois, na processualidade sócio-histórica, estendeu-se para a educação como um todo.

Até hoje, de certo modo, é muito forte entre as professoras, particularmente as primárias, agora integradas ao chamado ‘ensino fundamental’, o sentido da dedicação ao ensino acima dos interesses pessoais e de classe, o que provocou historicamente uma profunda desprofissionalização da atividade docente. (PRATTA, 2002, p. 174).

Nessa instância, confundem-se o sentido de vocação e o de missão ao de profissão tanto no discurso religioso como no discurso da educação. O sentido de vocação - que é o principal atributo exigido para que o fiel possa realizar um trabalho como missionário - desliza para o discurso da educação, tornando-se, por analogia, o principal atributo para uma pessoa trabalhar na educação, movimentando os sentidos ao tempo em que os tem como o mesmo.

Essa transferência desconstrói o sentido de profissionalização do discurso pedagógico, desarticulando, em consequência, as relações que são próprias às relações profissionais. Assim, trabalhar na educação, inspirado pela vocação, apregoa o sentido de que não se realiza um trabalho como profissão, mas sim como uma missão.

Ao mesmo tempo, os sentidos ligados ao domínio de saber do discurso da educação, ou seja, o discurso do conhecimento deriva para o discurso religioso.

Portanto, ao assumir a imagem do discurso da educação e dos efeitos de sentido relacionados a seu domínio de saber, o sujeito realiza a propagação da religião, através do trabalho de missões, e, dessa feita, sob a aparência do discurso da educação.

2.3 Evangelizar pela Imagem da Profissionalização

O movimento de discursividade que possibilita articular os sentidos de trabalho como profissão ao de missão ocorre como uma transferência dos sentidos. O sentido estabilizado de *vocação* para o trabalho, construído como um efeito de sentido dado pelo discurso religioso ora materializa-se metaforizado como profissão e ora como missões, conforme as sequências discursivas a seguir:

SD19 - Era o *trabalho* que Ele tava mostrando para mim naquela noite.

SD20 - Eu vou seguir essa *profissão*, mas isso assim parte do meu coração.

SD21 - Lá em Jequié quando a gente aceita Jesus Cristo nós temos a escola de missões, né? Lá tem a escola de *missões*, então a gente, às vezes a gente recebe a orientação pra trabalhar com adolescentes com novos crentes e eu vim com esse preparo de lá.

A transferência é o efeito metafórico (PÊCHEUX, 1975) que se processa pelo deslizamento de sentidos, sem o qual não há língua, visto que os deslizamentos permitem a interpretação, chamando a relação da língua com a história. É o equívoco, a deriva que origina toda a movimentação no trabalho de constituição do sentido e do sujeito. E isto só é possível pelo trabalho da interpretação porque “a interpretação é constitutiva da própria língua.” (ORLANDI, 2003, p. 78).

Desse modo, o deslize dos sentidos dos enunciados *trabalho* e *profissão* constrói o efeito de *missão*. O efeito metafórico dado em *trabalho*, *profissão*, *missão* visa uniformizar os sentidos, estabilizando-os como *vocação*, conforme:

SD22 - Na verdade, o missionário, ele não se forma, *ele é chamado por Deus, né? Ele é vocacionado. Acho que se a gente tivesse assim que preferir mesmo, a gente não preferia não, a gente é realmente de Deus, mas o coração nos vocaciona, nos dá uma paixão. Porque se você for analisar uma pessoa que tem muitas dificuldades financeiras, dificuldades até*

de compreensão, talvez nem quer ser missionário de tantos anos, se a gente não fosse preparado desse jeito, então a gente é vocacionado assim.

Esta metaforização é o fundamento para o processo de identificação do sujeito e de sua submissão aos sentidos de verdade, de obediência que são estabilizados pelo discurso religioso. O efeito metafórico que se processa neste deslizamento constitui o sentido de missão no sujeito do discurso batista.

Para que o efeito de metáfora funcione, o sujeito do discurso opera o que Pêcheux (1995) chama de esquecimentos para que consiga organizar a sua vida cotidiana, sem os conflitos existentes na instância do discurso. Isto porque quando o sujeito articula o seu discurso, ele o faz pensando fazê-lo como indivíduo, descartando os efeitos de sentidos ideológicos advindos dele. Os esquecimentos funcionam, então, como efeito da ilusão de constituição do sentido e do sujeito, sendo esquecimento designado como “aquilo que jamais foi sabido” (id., *ibid.*).

Nesta compreensão, pelo efeito dos esquecimentos, que resulta na evidência da identidade, ou seja, esquecimento de que a identidade resulta de uma identificação-interpelação (PÊCHEUX, 1995, p. 155), o sujeito interdita os sentidos dados em ‘um processo histórico-político’, mas que lhe são “estranhamente familiar” (id., *ibid.*). Nesse mecanismo de deslizamento, o sentido dado a *trabalho* desloca-se para o sentido de *missões*, sob a determinação do sentido de *vocação*.

3. Considerações finais

O movimento das posições do sujeito permite recobrir, além das necessidades espirituais, as necessidades materiais do seu interlocutor, o que assegura a construção da imagem do missionário de quem trabalha para a sociedade e, como conseqüência mais rigorosa, a imagem da religião associada a atividades socioeducacionais fundamentais para determinadas comunidades.

Os enunciados do sujeito permitem afirmar que, considerando-se o viés assistencialista pelo qual se define um tipo de trabalho de missões, pela religião articula-se, também, uma segunda via que é a mediação que se dá sob a forma de política social da igreja.

Desse modo, o sujeito ao “falar no amor de Deus”, “levar a palavra de Deus” consegue promover a religião, através do discurso religioso da denominação

com a qual se identifica, enquanto pratica atividades missionárias, sob a aparência da assistência social, da educação e da profissionalização. Como consequência direta e irrevogável, o trabalho de missões significa o modo como são construídas as representações imaginárias do sujeito do discurso. Assim sendo, executando o trabalho de missões o sujeito assume a imagem correspondente àquela necessária, lugar por onde veicula o discurso missionário.

O exame analítico dos enunciados dos textos das missionárias, acima, apresenta pistas que permitem constatar que o sujeito, tomado pela evidência dos efeitos de sentidos do trabalho de missões, acredita que a identidade constitui-se como um processo natural, “livre de falhas”. Sob o efeito do assujeitamento ideológico, o sujeito do discurso religioso esquece que as imagens da assistência social, da educação e da profissionalização são resultados da heterogeneidade do discurso.

E como resultado disso, pode dizer-se que os diferentes movimentos do sujeito - movimentos esses operados pelos efeitos de sentido das imagens do evangelizador e suas estratégias de poder para harmonizar os sentidos - são efeitos produzidos pela identificação do sujeito do discurso religioso, devido ao domínio de saber que o determina.

Nesses termos, é possível afirmar que os resultados deste estudo permitiram um gesto para a compreensão sobre a constituição do sujeito e dos sentidos, bem como sobre o funcionamento do discurso religioso.

Referências bibliográficas

ORLANDI, E. (org.). **Palavra, fé, poder**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed., São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1995, edição original 1975.

PRATTA, M. A. **Mestres, Santos e Pecadores**: educação, religião e ideologia na Primeira República Brasileira. São Carlos: RiMa, 2002.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013